

O TEXTO NA LINGUÍSTICA TEXTUAL: ENTREVISTA À VANDA MARIA ELIAS

THE TEXT IN TEXTUAL LINGUISTICS: AN INTERVIEW WITH VANDA MARIA ELIAS

Vanda Maria Elias¹
Rivaldo Capistrano Júnior²

Conheci a Professora Doutora Vanda Maria Elias em 2006, por ocasião do lançamento do livro “Ler e compreender: os sentidos do texto”, obra escrita em coautoria com a notável Professora Ingedore Grünfeld Villaça Koch. A parceria acadêmica e amiga com a saudosa Inge resultou na publicação de mais dois livros: “Ler e escrever: estratégias de produção textual”, em 2009, e “Escrever e argumentar”, em 2016. Os três livros situam-se na intersecção pesquisa-ensino e, com o mesmo rigor inerente às produções acadêmicas, voltam-se para um público mais amplo e muito têm contribuído para a formação inicial e continuada de professores(as) e de estudantes de cursos de graduação e pós-graduação.

Em 2008, por ingresso na PUC-SP, tive a satisfação e a honra de ser o primeiro orientando de Doutorado da Professora Vanda Elias. Lembro-me bem de suas aulas, marcadas não só pelo seu entusiasmo com a pesquisa em Linguística Textual (LT) e seus temas, mas também pela sua generosidade, dinamismo e alegria, o que muito nos cativava, alunos(as) e orientandos(as).

Sua trajetória acadêmica tem início na PUC-SP, onde cursou Mestrado e Doutorado, sob a orientação da Professora Doutora Sueli Cristina Marquesi. Em 2000, defendeu a Tese “Do hipertexto ao texto: uma metodologia para o ensino de Língua Portuguesa a distância”. Realizou estágios de pós-doutoramento na UNICAMP, sob a supervisão da Professora Doutora Ingedore Koch, e na UFC, sob a supervisão da Professora Doutora Mônica Magalhães Cavalcante.

¹ Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: vanda.elias@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES), Vitória-ES, Brasil. E-mail: r.capistrano@uol.com.br

Pessoa e professora fascinantes, pesquisadora competente, perspicaz, inquieta e inquietadora, a Professora Vanda vem se dedicando à pesquisa do texto em contextos diversificados e contribuindo para formar professores(as), mestres(as), doutores(as) e pesquisadores(as). Hoje, é professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de São Paulo.

Além dos livros já citados, é autora de artigos em periódicos científicos e de capítulos de livros, organizadora da obra “Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura”, coorganizadora das obras “Linguística Textual e ensino”, “Linguística Textual: diálogos interdisciplinares” e coordenadora da coleção “Linguagem & Ensino”.

Na entrevista que segue, a Professora Vanda Elias expõe sua vivência na LT, tece considerações sobre seu quadro teórico-analítico, problematiza conceitos, indica contribuições para o ensino e suscita novas questões de investigação. Trata-se de relevante contribuição para o entendimento do fazer da LT.

Em nome do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL-UFES) e da Revista *PERcursos Linguísticos*, agradeço à Professora Vanda Elias a disponibilidade e generosidade na concessão desta entrevista.

A Entrevista

Rivaldo Capistrano Júnior: Do seu desenvolvimento na segunda metade dos anos de 1960, na Europa Central, especialmente na Alemanha, à sua implementação no Brasil, no início dos anos de 1980, a Linguística Textual (LT) já experimentou mudanças importantes em sua relativa curta história.

Aqui no Brasil, a Professora Ingedore Koch, uma pioneira nesse campo de estudos, desempenhou fundamental papel na consolidação da LT. Qual o legado de Koch para a LT brasileira?

Vanda Maria Elias: As contribuições de Ingedore Koch para o campo dos estudos do texto têm como marco a obra “Linguística Textual: introdução”, produzida em conjunto com a Professora Leonor Lopes Fávero, e publicada em 1983. Na obra, as autoras tratam da origem

e causas da constituição da LT no continente europeu e da concepção de seu objeto de investigação: o texto. Dessa obra em diante, são muitas as publicações (livros e artigos) de Ingedore Koch. No conjunto, as publicações são reveladoras de um denso percurso que muito contribuiu para a constituição, a consolidação e o reconhecimento de uma LT brasileira. Nesse sentido, as obras “Desvendando os segredos do texto” (2002) e “Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas” (2004), cada uma à sua maneira, oferecem um quadro de desafios investigativos aos linguistas de texto. Além disso, destaca-se na produção de Koch um outro conjunto de obras que, articulando teoria e ensino, são especialmente endereçadas a professores e professoras da Educação Básica. Obras publicadas nas décadas de 80 e 90, como “Texto e coerência” (1989) e “A coerência textual (1990), ambas em autoria com Luiz Carlos Travaglia; “A coesão textual” (1989); “A inter-ação pela linguagem” (1992); “O texto e a construção dos sentidos”, entre outras, continuam na atualidade sendo grandes referências para professores e professoras em formação inicial ou continuada. A esse conjunto de produção especialmente concebida na articulação pesquisa/ensino, reúnem-se as obras “Ler e compreender”; “Ler e escrever” e “Escrever e argumentar”, das quais tive o privilégio de participar como coautora. Ainda, na produção de Koch, destaca-se a organização, em conjunto com Clélia Jubran, da obra “Gramática do português culto falado no Brasil” (2006). Trata-se de uma publicação que focaliza a “construção do texto falado” e se concretiza no âmbito do projeto coletivo “Gramática do Português Falado”, coordenado pelo Professor Ataliba de Castilho. O projeto envolveu pesquisadores/as de várias universidades brasileiras com a finalidade de documentar, descrever e refletir sobre a língua falada. Koch também foi pioneira ao introduzir na agenda da LT estudos sobre o hipertexto, um modo de produção textual conceptualmente diferente de nossas práticas textuais modeladas pela cultura impressa. Como pensar o texto no contexto da rede mundial de computadores? E o que dizer da coerência nesse tipo de produção? Quais as interfaces demandadas para a descrição e a explicação de fenômenos textuais no ambiente da rede? São algumas questões apontadas por Koch que vêm despertando cada mais vez o interesse de analistas de textos, levando em conta que, no mundo da “cultura da conexão” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014), as práticas interacionais são compreendidas na perspectiva do *continuum* impresso/digital ou online/offline, o que significa atentar para esses contextos e suas características, sem deixar de observar como estão interrelacionados e são complementares. Resumidamente, todas as produções de Koch tiveram e têm significativa repercussão e impacto em nossa formação de pesquisador/a e isso se faz repercutir também na formação de novos professores/as e

pesquisadores/as. Ingedore Koch é uma das pioneiras e um dos grandes nomes da LT brasileira, a quem muito agradecemos por toda a sua obra e fonte constante de motivação à pesquisa e ao ensino.

Rivaldo Capistrano Júnior: Considerando os rumos da LT na atualidade, você poderia nos apresentar um breve panorama de suas pesquisas, indicando novas questões de investigação para o texto?

Vanda Maria Elias: Tenho investigado e orientado pesquisas que focalizam o texto e(m) seus contextos. Nesse sentido, nos processos de produção textual e construção da coerência, alguns temas têm sido privilegiados como a referenciação, a intertextualidade, a argumentação, a multimodalidade e a retextualização. Em relação à referenciação, por exemplo, investigações recobriram constituição e funções de objetos referenciais discursivos em artigos de opinião, redações escolares, provas de concursos, livros didáticos, comentários em mídias sociais digitais, newsletter etc. Também o fenômeno referencial vem sendo analisado na integração entre componentes verbais e visuais, como o que aconteceu em relação à pesquisa de doutorado de Rivaldo Capistrano Jr., que analisou referenciação e humor em tiras cômicas, deixando uma relevante contribuição para a compreensão do texto numa perspectiva plurissemiótica. Consideradas na relação constitutiva entre aspectos verbais e visuais, produções como memes, videoaulas, *newsletters*, *webstories*, *publiposts*, entre outras, vêm chamando a minha atenção e solicitando a ampliação de um olhar cada mais alargado sobre o objeto texto. Novos procedimentos metodológicos também vêm sendo requeridos quando, por exemplo, considerada a hipertextualidade e a constitutiva conexão entre textos no universo da rede. Demanda-se, portanto, o olhar estendido para uma pluralidade de textos ou “arranjos textuais” (ELIAS; CAVALCANTE, 2017). Concebido e compreendido sob o pressuposto da interação, o texto é analisado em relação ao que apresenta em sua materialidade e o que essa materialidade pressupõe de conhecimentos compartilhados, daí inferíveis. Assim, analisa-se a materialidade textual (verbal e não verbal) e o que essa materialidade sugere em termos de conectividade no interior do texto, em se tratando de palavras, parágrafos, imagens, desenhos, quadros, tabelas, cores etc., mas também em termos de conectividade com conhecimentos de outros textos, suas configurações e funções; da sociedade e de contextos de atuação humana. Nesses movimentos promovidos pela conectividade, partindo-se do texto, mas a ele não se limitando, venho privilegiando alguns

temas: a intertextualidade e a produção de *fake news*, a “topicalização distribuída” em produções hipertextuais, a referenciação, a inferenciação, a argumentatividade, o balanceamento entre dado e novo, a hibridização oralidade – escrita, a multimodalidade, a hipertextualização, estratégias cognitivas textuais e socio interacionais, o contexto e a coerência.

Rivaldo Capistrano Júnior: Considerando o texto em toda a complexidade que lhe é constitutiva e em sua multiplicidade de formas e de linguagens, como você o define em suas pesquisas?

Vanda Maria Elias: Definir texto é um desafio para estudiosos da linguagem, como nos aponta, por exemplo, o estudo de Sandig (2009). Texto é texto quando assim o vemos e compreendemos, quando assim a ele nos referimos, diz-nos Beaugrande (1997). Essa declaração do autor é um convite para reflexão sobre texto, sobre a nossa competência textual, sobre modelos mentais que construímos de textos e de seus contextos. No interior da LT, vimos o quanto a concepção de texto foi sendo remodelada e as relações da LT com outras disciplinas foram se intensificando e se diversificando. Numa perspectiva sociocognitiva, como a que nos orienta na atualidade, texto é a concretização de um projeto de dizer, ou seja, uma realização que envolve sujeitos, intencionalidade, conhecimentos e estratégias em um movimento interacional centrado na busca pela coerência e sentidos.

Rivaldo Capistrano Júnior: Desde o seu Doutorado, você vem se dedicando, entre outros temas, à pesquisa do texto em contexto digital. Considerando o surgimento da *Web* social e, conseqüentemente, o estabelecimento de novas formas de interação e de novos modos de (re)produção, circulação e recepção de conteúdos nesse meio, como você conceitua hipertexto em seus trabalhos? Que desafios analíticos esse conceito impõe ao pesquisador?

Vanda Maria Elias: O hipertexto é um modo de produção marcado por *links*, elementos estes definidos pela função da conectividade. Os *links* funcionam como uma espécie de senha ou porta de entrada para acesso a textos, os mais diversos e numa quantidade que foge à mente humana alcançar. Esses elementos propiciam a conectividade entre textos: de temas diversos (politematização); de gêneros textuais diversos (poligenericidade); de autores diversos (poliautoria); e de linguagens diversas (polissemiotividade). No universo da rede e

das produções hipertextuais, a delimitação de um texto já se impõe como um desafio ao analista pelos múltiplos *links* e pela ativação de alguns desses *links*, que podem nos levar a resultados imprevisíveis. Isso porque, na base da produção hipertextual, está uma quantidade incalculável de textos que são encapsulados em *links*, oferecidos de modo reticularizado e provenientes de fontes as mais variadas. No começo de minhas pesquisas sobre o texto em rede, no final dos anos 90, a novidade do hipertexto era o desafio que se impunha. Era preciso lidar com muitos textos conectados, proceder a um recorte e a uma análise do material selecionado, considerando a complexidade do ambiente de rede. De lá para cá, o desafio vem aumentando, principalmente após a *Web 2.0*, que propicia um modo de produção acentuadamente caracterizado pela polissemiotividade e pela poliautoria, esta última, em especial, levando-se em conta o sistema de comentários. No avançar das minhas investigações, passei a considerar fenômenos textuais como a referenciação em arranjos textuais compostos pela poligeneridade e poliautoria em portais de notícias. Mais recentemente, tenho investigado *webstories* e o processo de retextualização, quando produzidas por derivação, mas também aquelas que encontram na publicidade o seu propósito de constituição. Nessa agenda de estudos investigativos, o alcance das categorias analíticas propiciadas pela LT tem sido constantemente testado, e o diálogo com outros campos de conhecimento tem se intensificado, principalmente em razão das muitas linguagens que entram na composição das produções hipertextuais.

Rivaldo Capistrano Júnior: Ser um pesquisador implica não só ter o conhecimento de conceitos e procedimentos analíticos, mas também saber possibilidades do seu campo de investigação. Nesse sentido, quais as delimitações da LT?

Vanda Maria Elias: As delimitações da LT são definidas pelo que lhe constitui e caracteriza como um campo de investigação voltado a descrever e explicar procedimentos implicados na produção e compreensão de textos, e desenvolver modelos que deem conta desse objetivo, considerando o texto em sua complexidade constitutiva. Observando a trajetória da LT, vimos como seus limites foram redefinidos da fase transfrástica para a cognitiva, passando pela gramática de texto e virada pragmática, até chegarmos à fase sociocognitiva e interacional que, na atualidade, orienta as nossas investigações. Novos modos e contextos de produção textual, como os propiciados pelos avanços das tecnologias da informação e

comunicação e, conseqüentemente, novos tipos de interação como a *on-line* (THOMPSON, 2018), têm motivado e realimentado a discussão sobre a concepção de texto, porque o que construímos como modelos textuais hoje, em ambiente de rede, é diferente daqueles baseados na cultura impressa. Pensar numa realidade como essa, por exemplo, é considerar que os limites da LT não se encontram apartados do texto e do seu contexto de produção/recepção; de seus suportes historicamente construídos; dos objetivos e interesses de seus/suas pesquisadores/as; das mudanças e transformações sociais e culturais; da nossa forma de ver e entender essas interconexões. Assim, penso que as delimitações devam ser compreendidas em termos transitórios ou temporários, ou situados. O texto e suas pistas contextualizadoras ou sinalizadoras da conectividade sujeito-língua-mundo oferecem um conjunto variado de desafios que testam os limites da LT e os nossos, analistas de texto, principalmente em se tratando das possibilidades e necessidade de diálogo com especialistas de outras áreas do saber. Ainda bem, porque foi isso que nos fez chegar até aqui e é isso que nos levará a muito mais longe.

Referências

- BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1997.
- CAPISTRANO JÚNIOR, R. *Referenciação, multimodalidade e humor em tiras cômicas do Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva*. Campinas, SP: Pontes, 2017.
- CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. (Org.). *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. Vitória; São Paulo: PPGEL-UFES; Labrador, 2017.
- ELIAS, V. M. (Org.). *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura*. São Paulo: Contexto, 2011.
- ELIAS, V. M.; CAVALCANTE, M. M. Linguística Textual e estudos do hipertexto: focalizando o contexto e a coerência. In: CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. (Orgs.). *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Labrador, 2017, p. 317-338.
- FAVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística Textual: uma introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.

- JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: Volume 1 – Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. *Cultura da Conexão*. Trad. Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.
- KOCH, I. G.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I. G.V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, I.G.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, I. G.V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, I. G.V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- KOCH, I. G.V; TRAVAGLIA, L.C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- KOCH, I. G.V; TRAVAGLIA, L.C.A. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M.. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. (Orgs.). *Linguística Textual e ensino*. São Paulo: Contexto, 2017.
- SANDIG, Barbara. O texto como conceito prototípico. In: WIESER, Hans Peter; KOCH, Ingedore G. Villaça (Orgs.). *Linguística textual: perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 47-72.
- THOMPSON, J. B. *A interação mediada na era digital*. v.12 - nº 3 set./dez. São Paulo – Brasil, 2018. p. 17-44